

Abordagens tradutórias: João do Rio e Oscar Mendes traduzindo Oscar Wilde*

Translation approaches: João do Rio and Oscar Mendes translating Oscar Wilde

Matheus Queiroz Pedro¹
Mirian Ruffini²

RESUMO: O artigo discute a práxis do fazer tradutório – por meio de um viés descritivo – e averigua como o repertório, a estilística individual e a influência da estética do tradutor se revelam nas escolhas metodológicas de um tradutor frente ao texto-fonte, considerando o recorte histórico no qual ele e os leitores da época se encontram. Para tal, utiliza-se o aporte teórico de Itamar Even-Zohar (2013), André Lefevere (2007), Lawrence Venuti (2002) e Gideon Toury (2012), selecionando-se excertos da obra *The Decay of Lying* (1891) de Oscar Wilde e traduções para o português realizadas por João do Rio (1911) e Oscar Mendes (1961).

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da tradução. Literatura comparada. João do Rio. Oscar Wilde. Oscar Mendes.

ABSTRACT: This article discusses the praxis of translating – through a descriptive standpoint – and investigates how the repertoire, individual stylistics and aesthetic influences of the translator are revealed in the methodological choices of a translator in relation to the source text, considering the historical context in which he and readers of the time find themselves. To this end, the theoretical aid of Itamar Even-Zohar (2013), André Lefevere (2007), Lawrence Venuti (2002) and Gideon Toury (2012) is used, selecting excerpts of Oscar Wilde's *The Decay of Lying* (1891) and translations to portuguese made by João do Rio (1911) and Oscar Mendes (1961).

KEYWORDS: Translation theory. Comparative literature. João do Rio. Oscar Wilde. Oscar Mendes.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco. Grupo de Pesquisa CNPq GELCON. E-mail: matheus.queiroz.pedro@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0102-5336>.

² Pós-doutorado e Doutorado em Estudos da Tradução, Mestre em Letras. Professor do Magistério Superior da UTFPR, Departamento de Ciências Humanas e Sociais, Campus Londrina. Grupo de pesquisa CNPq GELCON. E-mail: mirianr@utfpr.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3222-2519>.

*Artigo recebido em 10 de outubro de 2023 e aceito para publicação em 30 de novembro de 2023.



Introdução

Com a finalidade de analisar as diferenças e semelhanças entre as traduções de textos wildianos por parte dos autores João do Rio e Oscar Mendes, assim como discorrer sobre as metodologias utilizadas por cada tradutor, devemos, primeiramente, averiguar os textos de teóricos da tradução que nos permitam descrever com maior exatidão as ferramentas utilizadas no fazer tradutório, ao passo que compreendemos também as implicações das escolhas e as possibilidades alternativas do trabalho tradutório.

Para isso, usamos a teoria do polissistema, cunhada pelo teórico Itamar Even-Zohar, apoiada também pela abordagem descritiva das análises tradutórias de André Lefevere, uma vez que ambos os autores se concentram “em questões relativas à tradução literária, como, por exemplo, os sistemas literários da cultura receptora e suas normas e convenções” (STERVID, 2020, p. 3).

Principiando pela teoria do polissistema de Even-Zohar, é relevante notar para fim da análise aqui desenvolvida que esta se baseia na noção de que existe uma multiplicidade de sistemas. Ademais, “tanto a ideia de um conjunto-de-relações fechado, no qual os membros recebem seu valor de suas respectivas oposições, como a ideia de uma estrutura aberta que consiste em várias redes-de-relações desse tipo que concorrem” (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 4). Isto é, tais sistemas não apenas interagem e se comunicam entre si, como também pertencem uns aos outros.

Por exemplo, um sistema literário de um determinado país interage não apenas com sistemas literários de outros países ou sistemas artísticos em geral, mas também faz parte – assim como esses sistemas com que interage – de um sistema cultural maior, um sistema histórico e um sistema político, e, da mesma forma, todos esses sistemas maiores interagem e influenciam diretamente uns aos outros, de maneira dinâmica e heterogênea.

A teoria do polissistema nos atenta ao fato de que ao analisar comparativamente duas traduções, realizadas em diferentes épocas e por diferentes pessoas, é essencial que consideremos que os tradutores são dotados de diferentes ferramentas para seu fazer tradutório, inseridos em diferentes sistemas literários, com diferentes objetivos, tradições e repertórios, interagindo e sendo influenciados por – e influenciando – diferentes culturas.

O autor João do Rio, por exemplo, com traduções de obras wildianas que datam desde o início do século XX, encontra-se em um sistema literário brasileiro que pouco havia interagido com os escritos de Oscar Wilde, que produziu a maior parte de suas obras na última década do século XIX. Já Oscar Mendes encontra-se inserido em um sistema literário que não apenas já



havia estabelecido mais contato com Wilde, como também dispunha de traduções já consolidadas no sistema, além de diversos estudos e paratextos. O próprio Oscar Wilde, vale notar, é um autor mais consolidado como cânone indiscutível do sistema literário britânico, renomado internacionalmente, quando Oscar Mendes produz as traduções de seus textos, comparado à época em que João do Rio se propõe a realizar tal tarefa.

De acordo com as interações polissistêmicas de Even-Zohar, encontramos também a categorização descritiva dos elementos que constituem um sistema literário proposta por Lefevere em sua obra *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (2008). O autor defende, em seus textos, um ponto indispensável para um bom entendimento das produções tradutórias: devemos atentar não apenas à produção textual que se desenvolve em determinado período, mas também às nuances que a cercam.

Entre tais nuances poderíamos destacar o mecenato que fomenta financeiramente o produto artístico (nesse caso, o texto) visando, muitas vezes, ao retorno financeiro proporcionado pelo mercado em que a obra está inserida; a poética em voga no sistema social em que o texto produzido se encontra; as diferentes formas de linguagem aceitas numa produção literária; e, finalmente, as diferentes ideologias aplicadas a diferentes épocas, uma vez que essas ajudam a moldar o juízo de valor dos leitores.

Isso posto, partimos então para a análise comparativa das traduções de João do Rio e Oscar Mendes quanto ao texto *The decay of lying*, de Oscar Wilde, na qual apresentamos exemplos que melhor elucidam a variedade de métodos utilizados por cada tradutor, tendo em vista seus respectivos sistemas e atendendo para os elementos de funcionalidade de cada abordagem tradutória.

Contextualização acerca da obra de Wilde

The decay of lying é um ensaio escrito em forma de diálogo entre dois personagens (Cyril e Vivian), que compõe a coletânea de ensaios *Intentions*, publicada originalmente em 1891.

O ensaio – que em muito remete aos diálogos socráticos encontrados em obras de Platão, devido à leveza argumentativa em que ideias profundas são discutidas – conta com características que evidenciam o estilo (hoje consagrado) de Wilde: o inconfundível *banter* britânico (diálogo rápido repleto de sarcasmo, gozação e ironia); a acidez de um discurso crítico acerca do estado da arte e do fazer artístico; e a argumentação cômica sem abrir mão da profundidade do problema retratado.



A obra propõe um rompimento com os preceitos realistas e naturalistas do fazer literário, defendendo que a imaginação, a fantasia e a não-realidade (nesse caso, *grosso modo*, a mentira) são não apenas válidas para a composição de uma boa literatura como também essenciais para a arte da escrita, incentivando o devido resgate e exaltação da ludicidade presente na “mentira artística”.

Wilde, portanto, propõe que a arte, uma vez que é fuga da banalidade e do tédio do cotidiano que entendemos como “realidade”, deve desfrutar de um fazer imaginativo e criativo, distorcendo a realidade ao passo em que valoriza a beleza da literatura.

Pode-se dizer, portanto, que *The decay of lying* é um manifesto antirrealista e uma crítica ao apreço à realidade tão enfatizado por muitos autores da época, uma vez que o autor havia crescido em um contexto dominado pela estética romântica e naturalista.

Comparação descritiva das traduções

Os textos comparados na análise aqui desenvolvida são a edição da obra *Intenções*, publicada no Brasil em 1957 com tradução de João do Rio datada de 1911, e a sexta reimpressão, publicada em 2003, da primeira edição (1961) do volume único da *Obra Completa de Oscar Wilde*, com tradução de Oscar Mendes.

Iniciando-se a leitura de cada tradução, repara-se logo no início dos textos – mais especificamente no peritexto que trata de apresentar os personagens presentes no ensaio – a primeira diferença entre as escolhas tradutórias de cada um: João do Rio opta por manter o nome do personagem Cyril de maneira estrangeirizada, nos moldes de Lawrence Venuti (2002), em sua grafia, apresentando-o como Cyrillo. Oscar Mendes, por sua vez, apresenta o nome de maneira mais domesticada – isto é, adequando a grafia de forma a fazê-la mais próxima ao sistema de escrita brasileiro (e, por consequência, a seus leitores), introduzindo o personagem como Cirilo.

Acerca da dualidade de abordagens entre a domesticação e estrangeirização, Venuti (2002) nos traz algumas considerações importantes. A domesticação é definida como uma tentativa de adaptar o texto de forma a trazer a cultura linguística do texto-fonte mais próxima da cultura do texto alvo, procurando por equivalências (ou, no mínimo, o mais próximo possível do que poderia ser uma equivalência cultural), enquanto a estrangeirização, por sua vez, busca manter os aspectos estrangeiros do texto, deixando resquícios de estranhamento que comunicam ao leitor que aquilo se trata de uma tradução.



Apesar de muitas vezes ser vista com maus olhos por ser próxima de uma “tradução literal ao pé da letra”, a estrangeirização tem muito de seu valor precisamente no que o autor chamará de resíduos textuais. No capítulo que trata sobre a heterogeneidade, Venuti afirma que a boa tradução “manifesta em sua própria língua a estrangeiridade do texto estrangeiro” (BERGMAN, *apud* VENUTI, 2002, p. 27) e “libera o resíduo ao cultivar o discurso heterogêneo”. Isto é, o estranhamento causado pelos resíduos textuais presentes na abordagem estrangeirizante podem enriquecer a experiência da leitura ao atentar o público acerca do caráter inerentemente estrangeiro do que fora escrito.

É interessante notar, no entanto, que o mesmo não acontece quanto a Vivian. João do Rio, provavelmente tentando evitar confusões quanto ao gênero do personagem, o introduz de maneira domesticante, chamando-o de Viviano, enquanto Oscar Mendes o apresenta idêntico à grafia original, apenas como Vivian. Da mesma forma, portanto, que se torna visível o valor da estrangeirização, devemos levar em consideração também pormenores de recepção e contextos polissistêmicos que influenciam nas decisões tradutórias, em que a domesticação também se justifica.

Logo, notamos que ambos os tradutores mesclam suas abordagens tradutórias a fim do que julgam melhor satisfazer os consumidores daquele texto, de acordo com o sistema literário e contexto histórico-social em que estão inseridos, não se prendendo a uma postura estritamente estrangeirizante nem domesticante.

No que se refere aos peritextos³ encontrados nas obras, um detalhe que chama a atenção é a nota de rodapé que explica que Cyril e Vivian foram os nomes que Oscar Wilde deu para seus dois filhos. Enquanto João do Rio escreve “Wilde chamou Cyrillo e Viviano seus dois filhos” (1957, p. 25), Oscar Mendes apresenta na nota “Nomes, como o leitor deve lembrar-se, dos filhos de O. Wilde.” (2003, p. 1069).

A nota evidencia, indiretamente, a situação de Wilde enquanto escritor e figura pública nos sistemas em que cada tradutor está inserido. João do Rio parte, em sua tradução, do pressuposto de que está inserindo os textos de Wilde em um novo sistema literário, e que o autor é, ainda, estranho aos consumidores e ao mercado em geral. Em contrapartida, Oscar Mendes parte da premissa de que o leitor da *Obra Completa de Oscar Wilde* já é familiarizado não apenas com o autor, mas com detalhes biográficos dele.

³ Paratexto ou texto de acompanhamento do texto principal que se apresenta junto ao texto-fonte. Nos termos de Gérard Genette (2009), o epitexto difere deste por aparecer em outras fontes distantes da obra em si, como em artigos, resenhas ou notícias.



Tal detalhe demonstra que a interação entre o sistema literário brasileiro e o sistema literário britânico, na época em que João do Rio faz sua tradução, era consideravelmente menor do que na época de Oscar Mendes.

Além disso, tal fato indica ainda que, uma vez que Oscar Mendes infere uma familiaridade do consumidor do sistema literário brasileiro com Oscar Wilde, suas opções de abordagem tradutória sofrem o impacto direto do polissistema em que ele se encontra. Nota-se ainda que, devido à diferença dos anos da publicação de cada tradução, o repertório (ou seja, o corpo de textos acerca do assunto, incluindo outras traduções e paratextos) disponível para a adaptação tradutória de Mendes era também consideravelmente maior do que o repertório à disposição de João do Rio, demonstrando novamente como nuances polissistêmicas exteriores ao texto-fonte possuem um papel fundamental nas decisões dos tradutores. Tendo isso em vista, as traduções não devem ser analisadas de maneira demasiadamente objetiva e hermeticamente centradas no texto, desconsiderando as abordagens teóricas apontadas e o seu contexto de produção, uma vez que uma visão superficial sobre as opções de cada tradutor pode incorrer em erros de anacronismo.

Na sequência, nota-se também, na rubrica em que se encontra o personagem Cyril, uma diferença na opção lexical adotada por cada tradutor. No texto-fonte, Wilde descreve Cyril “*coming in through the open window from the terrace*” (1905, p. 3). João do Rio opta por traduzir tal rubrica como “entrando, do terraço, pela janela aberta” (1957, p. 3). Na versão de Mendes, encontramos “vindo do terraço pela porta-janela” (2003, p. 1069). Percebe-se que não apenas há a diferença entre os termos “vindo” e “entrando”, mas principalmente a escolha pouco convencional de Mendes em descrever “*window*” do texto-fonte como uma “porta-janela”, optando por um termo mais específico e imagético, enquanto João do Rio se basta em uma descrição mais próxima da que fora feita por Wilde.

Outra rubrica abordada de forma diferente entre os tradutores é “*reading in a very clear, musical voice*” (WILDE, 1905, p. 8), referente a uma fala de Vivian. Na obra de João do Rio tal frase é traduzida para “com uma voz clara e musical” (1957, p. 29), mantendo-se próximo ao texto-fonte e sem fazer omissão ou acréscimo algum. Por sua vez, Mendes julga “lendo com voz bastante clara” (2003, p. 1072) como suficientemente explicativo para o consumidor da obra, optando apenas por enfatizar o primeiro adjetivo empregado no texto-fonte, ao passo que omite o segundo. Nesse caso, notamos que a opção tradutória adotada por Mendes vai ao encontro da noção de normas matriciais, termo cunhado por Gideon Toury, o criador



da proposta dos estudos descritivos da tradução. Toury (2012, p. 82-3) define as normas⁴, não prescritivas, mas descritivas, como as tendências ou padrões que norteiam a escrita literária e tradutória em um determinado polissistema cultural. As normas matriciais, segundo o teórico, são aquelas que norteiam a presença, a distribuição e a segmentação do material traduzido. Da mesma forma, elas descrevem as omissões, os acréscimos e as modificações, na tradução, da localização de determinado material oriundo do texto-fonte. Verifica-se a ocorrência de omissão do adjetivo “musical”, no caso da tradução realizada por Oscar Mendes, estratégia que pode ter sido adotada por diversas razões, como a decisão de levar um texto mais conciso ao leitor brasileiro, a opção de descrever a voz de Vivian de maneira enfática quanto à sua clareza, e não à sua musicalidade ou ainda uma preferência do próprio estilo do tradutor. De qualquer forma, a tradução, nesse quesito, se distancia um tanto do texto-fonte de Wilde, aparentando uma maior tendência domesticante desse trecho.

Adentrando aos diálogos, logo no início da primeira fala de Cyril nos deparamos com a expressão idiomática “*don't coop yourself up all day*” (WILDE, 1905, p. 3) no texto-fonte. Frente a tal frase, João do Rio opta por “não te tranques o dia inteiro” (1957, p. 25). Oscar Mendes, por sua vez, traduz a fala do personagem como “não fique encerrado o dia inteiro” (2003, p. 1069).

Percebe-se que na primeira tradução apresentada, é utilizado o pronome pessoal “te”, remetendo à ideia de que a pessoa com quem o personagem está conversando age ativamente para “trancar-se em casa”. Isto é, Vivian encontra-se deliberadamente se trancando no local onde está, como sugere a frase no texto-fonte pelo pronome reflexivo “*yourself*”. Na segunda tradução, no entanto, opta-se por distanciar-se um pouco mais do texto-fonte, fazendo a omissão do pronome pessoal que indique uma ação deliberada. Notamos então que, tal qual a omissão feita por Mendes apontada anteriormente, a mesma prática que se passa aqui, apesar de possuir efeito semanticamente semelhante ao texto-fonte, resulta em uma diferença pragmática que pode causar uma diferente experiência de leitura, uma vez que a primeira tradução implica culpabilidade do sujeito no ato de trancar-se em casa, enquanto a de Mendes abre espaço para outras possíveis interpretações, como a de que alguém trancara Vivian na biblioteca.

⁴ Toury classifica as normas em: Norma Inicial, aquela que se refere à adequação (adesão, na tradução, a normas provenientes da cultura de partida) ou à aceitável (adesão, na tradução, a normas relacionadas à cultura de chegada); Normas Preliminares, que indicam a política de tradução, como a escolha do texto a ser traduzido, a direção da tradução, ou seja, se foi realizada diretamente da língua fonte ou intermediada por uma segunda língua; Normas Operacionais, que descrevem a forma de organização e distribuição do texto-fonte na tradução, como a divisão em capítulos, estrofes, etc.; Normas Matriciais, as normas que se relacionam aos aspectos microtextuais, por exemplo, linguísticos, lexicais, estratégias tradutórias, como omissão ou acréscimo, etc.



No decorrer dos textos encontramos ainda várias diferenças quanto ao uso da pontuação, em que ambos os autores seguem adotando uma postura maleável quanto à estrangeirização ou à domesticação. Na primeira fala de Cyril, o personagem diz que “*It is a perfectly lovely afternoon. The air is exquisite.*” (WILDE, 1905, p. 3). Na tradução de João do Rio, tal passagem é adaptada para “A tarde está adorável, o ar delicioso” (1957, p. 25) – mantendo a existência de pontuação entre as duas frases, porém alterando o ponto final do texto-fonte para uma vírgula –, enquanto na tradução de Oscar Mendes a fala altera-se para “Está uma tarde encantadora e o ar agradável” (2003, p. 1069). A segunda versão, portanto, omite e altera a pontuação por completo, substituindo-a por um conectivo.

O contraste entre as duas traduções do trecho chama a atenção para a presença do estilo e da estética paulobarretiana na tradução de João do Rio. Dono de uma escrita hiperbólica, veloz e de registro com pouca formalidade, sua tradução do texto de Wilde parece incorporar elementos de seu próprio estilo. Rodrigo da Costa Araújo descreve a linguagem peculiar do escritor:

A linguagem utilizada pelo escritor-dândi acompanha mecanismos que incorporam, velozmente, as relações entre palavra e imagem, rapidez e descrições. Tendo isso em vista, sua crônica não se mantém numa visão purista da leitura restrita apenas à decifração de letras e mensagens. Do mesmo modo que o contexto semiótico do código escrito foi historicamente modificado, com o seu gesto cinéfilo de narrar –, mesclando-se com outros processos de signos, com outros suportes e circunstâncias distintas do texto impresso, o ato de ler (ver), segundo o cronista, foi também se expandindo para outras abordagens. Nesse contexto semiótico, portanto, também a pontuação, a sintaxe mais estendida, o vocabulário, o tempo verbal se ajustaram e conduziram o leitor para cenas / flashes com direito a montagens, truques, cortes, rapidez e outras técnicas cinematográficas (ARAÚJO, 2014, p. 4).

Notamos portanto que a utilização de recursos como omissão ou substituição que remetem à abordagens estrangeirizantes ou domesticantes não é adotada como doutrina invariável por cada tradutor, mas sim como ferramentas que atendem à uma proposta estética. A domesticação e estrangeirização não são excludentes, mas sim artifícios situacionais usados para refletir a estilística que cada tradutor pretende empregar na obra. Assim, Mendes por vezes usa de domesticação para manifestar o caráter prosaico de sua escrita, enquanto João do Rio pode recorrer ao mesmo recurso com a intenção de proporcionar ao leitor justamente o inverso: uma experiência poética.



Mais à frente nos textos, vemos ainda exemplos como a substituição de um ponto de exclamação por um ponto de interrogação. No texto-fonte de Wilde o autor usa “*Lying!*” como forma de interjeição quando Cyril reage ao título do artigo que Vivian afirma estar escrevendo, intitulado “*The decay of lying: a protest*” (1905, p. 6). Na tradução de Oscar Mendes, a interjeição se torna um questionamento: “A mentira?” (2003, p. 1071); ao passo que tal substituição não ocorre na tradução realizada por João do Rio, que mantém um efeito similar ao proposto por Wilde: “A mentira!” (1957, p. 28). Tal passagem serve para ilustrar como opções aparentemente simples como uma troca de pontuação podem claramente alterar por completo a entonação de um diálogo, resultando, assim, em uma experiência subjetiva bastante diferente dependendo de qual tradutor o leitor está consumindo.

Visto a fluidez com que os tradutores adotam de práticas estrangeirizantes ou domesticantes, percebemos adiante no texto o uso da domesticação desta vez por parte de João do Rio. O autor optou por traduzir a frase “*I assure you that they don’t.*” (WILDE, 1905, p. 6) por “Ah não!” (1957, p. 28), fazendo a omissão de várias palavras ao passo que as substitui por uma interjeição que aparentemente julgou possuir suficiente grau de equivalência linguístico-cultural com a frase proposta por Wilde. Oscar Mendes, desta vez, traduz de maneira menos domesticante, mantendo a frase mais próxima do texto-fonte: “Asseguro-lhe que não.” (2003, p. 1071).

Percebe-se, portanto, que ambos os tradutores não se prendem de maneira rígida a uma abordagem estrangeirizante ou domesticante, fluindo entre ambas com frequência tanto no que se refere às escolhas lexicais quanto às escolhas semânticas e estruturais, analisando o contexto de cada frase para então decidir qual abordagem adotar, ambos se distanciando de rotulações erroneamente aplicadas como “tradutor estrangeirizador” ou “tradutor domesticador”.

É importante observar, igualmente, que se por um lado as escolhas dos tradutores em questão podem ser vistas como escolhas puramente relacionadas à estilística pessoal de cada um, por outro, tal estilística ainda assim está diretamente relacionada às normas culturais, literárias e tradutórias dos respectivos polissistemas vivenciados por cada tradutor. Além disso, as abordagens domesticantes e estrangeirizantes de cada um, apesar de fluírem de maneira não-dogmática, se acumulam de tal maneira durante a obra que passam a indicar uma “identidade tradutória” na escrita de cada autor, demonstrando tendências a certos tipos de recursos, como é o caso de Oscar Mendes e o caráter prosaico de suas abordagens.



Notamos ainda na comparação descritiva entre as traduções aqui proposta que há notável disparidade entre os recursos poéticos utilizados em cada uma das traduções na tentativa de emular ou equivaler o texto wiliano original. Tal fato se evidencia na fala de Cyril, no texto-fonte de Wilde “*There is a mist upon the woods like the purple bloom upon a plum*” (1905, p. 3). A cadência, ritmo, rimas internas e semântica da frase escrita por Wilde é extremamente singular, e de difícil – se não impossível, especialmente em textos altamente poéticos – equivalência, de forma a ser irreplicável em qualquer língua que não seja o próprio inglês. João do Rio, no entanto, emprega uma abordagem ainda assim bastante poética em sua tradução: “O arvoredo cobre-se de uma névoa que lembra o rosado veludoso de uma ameixa” (1957, p. 25). Oscar Mendes, por sua vez, demonstra uma postura um tanto mais prosaica: “Paira sobre o bosque um nevoeiro avermelhado como a flor das ameixas” (2003, p. 1069).

É importante observar que João do Rio, enquanto autor literário, é fortemente relacionado ao movimento simbolista, que tem como uma de suas principais características a evocação de experiências sensoriais. Em sua tradução de Wilde, notamos que o autor opta pelo termo “veludoso”, que remete a uma sensação. Tal escolha pode estar relacionada exatamente a essa vertente poética do autor, enquanto o mesmo não ocorre na tradução efetuada por Oscar Mendes, cujo pragmatismo adotado quanto à tradução da frase pode ser atribuído ao diferente *background* literário.

No entanto, na passagem “*smoke cigarettes, and enjoy Nature*” (WILDE, 1905, p. 3), João do Rio afasta-se do texto original grafando “natureza” com letra minúscula, enquanto Mendes mantém a letra maiúscula em “Natureza”. Ironicamente, é também característica da estética simbolista – à qual João do Rio é frequentemente associado, apesar de ser tido por muitos como escritor pré-modernista – empregar letras maiúsculas a substantivos a fim de torná-los “entidades”. Nesse caso específico, portanto, pode-se dizer que, apesar dos diferentes *backgrounds* literários, e da ligação maior de João do Rio com o sistema simbolista, a abordagem de Mendes remete mais às influências decadentistas de Oscar Wilde do que a abordagem de João do Rio.

Considerações finais

A análise comparativa no trabalho aqui apresentado prezou por elucidar, de maneira descritiva, as diferentes abordagens tradutórias adotadas por diferentes autores em suas respectivas épocas, traçando um paralelo com o autor do texto-fonte e como os sistemas literários dos três escritores interagem entre si no polissistema da literatura mundial.



Notou-se que os métodos tradutórios disponíveis para basear a abordagem tradutória de cada tradutor, isto é, o repertório que cada tradutor dispunha no momento de sua tradução, bem como as normas culturais, literárias e tradutórias de cada polissistema, em muito influenciam as decisões tomadas por cada um deles.

Percebe-se ainda que, a função de cada tradução em seu sistema literário também em muito se diferenciava: a tradução de João do Rio tinha um caráter introdutório quanto à obra wildiana – ou seja, estava trazendo um autor até então periférico àquele sistema (mesmo que já canônico em outro sistema literário) – ao passo que a tradução de Mendes cumpria a função de reproduzir um texto já solidificado no sistema em que ele se encontrava. Tal pormenor acaba por, invariavelmente, diferenciar as escolhas tradutórias de cada autor.

As possíveis razões para cada tradutor adotar determinada postura quanto a sua tradução são, portanto, afetadas diretamente por inúmeros fatores, desde o sistema literário em que estão introduzidos e como esse sistema interage dentro dos polissistemas à qual pertence, até, como vimos, as influências estéticas e poéticas que regem as preferências literárias de cada tradutor. Essas influências, por sinal, também em muito têm a ver com os polissistemas, subsistemas e estéticas em voga em diferentes épocas, uma vez que o movimento decadentista e simbolista, por exemplo, é muito mais propenso a influenciar um autor pertencente ao sistema literário do início do século XX do que um autor do meio/final do século XX ou início do século XXI.

Observa-se também que, dependendo do sistema no qual um tradutor está inserido, ele pode corresponder mais ou menos ao senso estético proposto pelo autor do texto-fonte. Um tradutor contemporâneo a Wilde, que tenha sido influenciado literariamente pelos mesmos movimentos estéticos, por exemplo, pode estar mais propenso a reproduzir de maneira mais próxima ao utópico entendimento da intencionalidade do autor.

Por fim, concluímos que ambas as abordagens, apesar de bastante distintas quando comparadas lado a lado, contam com a característica em comum de não se prenderem a uma postura restritiva quanto à arte da tradução, buscando sempre atenção aos detalhes. Apesar de suas diferenças, cumprem com a funcionalidade de trazer ao consumidor os textos wildianos, seja em um contexto canônico ou periférico. Cabe, portanto, ao leitor interessado o consumo de ambas para o julgamento de valor ser traçado pelo próprio consumidor e suas próprias influências e convicções. O deleite quanto a uma boa leitura, como é o caso de Wilde, afinal, nunca é demais.



Referências

ARAÚJO, R. C. A alma encantadora de João do Rio. **Revista Educação Pública**. v. 14, Ed. 2, 2014.

EVEN-ZOHAR, I. Teoria dos polissistemas. Trad. Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon & Yanna Karlla Cunha. **Revista Translation** 4, pp. 2-21, 2013.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Trad. de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LEFEVERE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2008.

STERVID, B. T. Do texto ao contexto: uma análise comparativa das abordagens descritiva e funcional dos Estudos da Tradução. São Paulo, SP: **Pandaemonium**, v. 23, n. 39, p. 1-24, 2020.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Revised Edition. Philadelphia: John Benjamin Publishings, 2012.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo; revisão técnica de Stella Tagnin. Bauru: EDUSC, 2002.

WILDE, O. **Intenções**. Trad. João do Rio. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Império, 1957.

WILDE, O. **Obra Completa**. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar, 2003.

WILDE, O. **Intentions: The decay of lying, Pen, pencil and poison, The critic as artist, The truth of masks**. New York: Brentano's, 1905.

